

AS REPRESENTAÇÕES DE POVOS INDÍGENAS NAS NARRATIVAS TEXTUAIS E VISUAIS DO PRÍNCIPE MAXIMILIANO DE WIED-NEUWIED

Igor de Lima e Silva*
Maria de Fátima Costa* □

RESUMO

Nesta comunicação analisa-se a relação entre as narrativas escrita e textual sobre os indígenas, legadas pelo naturalista alemão Maximiliano de Wied-Neuwied. Entre os anos de 1815 e 1817, este viajante explorou regiões do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia. Enquanto fazia este percurso, representou a lápis, nanquim e aquarela diferentes aspectos culturais das populações indígenas que ali habitavam, notadamente Pataxó, Botocudo e Machacali. Após retornar à Europa, dedicou-se à re-elaboração das informações obtidas em viagem e, em 1820, publicou a obra “Reise nach brasilien in den jahren 1815 bis 1817”. Ao analisarmos de forma conjunta e comparativa as narrativas textuais e iconográficas (desenhos originais e gravuras publicadas) deixadas por nosso personagem, observamos a existência de incongruências em vários pontos, objetos de nosso estudo.

Palavras-chave: História do Brasil, viajantes do século XIX, representações de indígenas.

ABSTRACT

This communication examines the relationship between the written and textual narratives of Indians, legacy left by the German naturalist Maximilian of Wied-Neuwied. Between the years 1815 and 1817, this traveler explored regions of Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Gerais and Bahia. While he was traveling, he drew by pencil, ink and watercolor different cultural aspects of Indian people, who lived there, particularly Pataxo, Botocudo and Machacali. After returning to Europe, he dedicated himself to recreate collected information and, in 1820, published the book “Reise nach brasilien in den jahren 1815 bis 1817”. When we look at the textual and iconographic narratives (original drawings and published pictures) in a conjoined and comparative way, we observe the existence of inconsistencies in several issues, these are the objects of our study.

Key-words: Brazil History, 19th century travelers, Indian representations

As primeiras décadas do século XIX representam um momento ímpar na história do Brasil. O desembarque de D. João VI e de sua comitiva, em 1808 no Rio de Janeiro, provocou profundas mudanças na configuração econômica, social e cultural brasileira do período. Entre as novas medidas tomada pelo príncipe regente, é de singular importância a Abertura dos Portos para outras nações; isto possibilitou que homens e mulheres de varias nacionalidades logo passassem a circular pelos quatro cantos do Brasil. Dentre os estrangeiros, um grupo em

* Universidade Federal de Mato Grosso. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História. Bolsista/CAPES.

* * Universidade Federal de Mato Grosso. Professora do Programa de Pós-Graduação em História / Orientadora. Bolsista/ CNPq.

especial teve o acolhimento e apoio do governo imperial: os naturalistas e estudiosos que organizados em comitivas ou em viagens individuais passaram, com o beneplácito do governo, a explorar fauna, flora, minerais e a diversidade étnica destas terras sul-americanas.

É neste contexto que se insere o personagem Maximiliano de Wied-Neuwied (1782-1867), cientista que visitou o Brasil entre os anos de 1815 e 1817, e após concluir a viagem legou um extenso conjunto de informações textuais e iconográficas sobre os hábitos, costumes e cultura material dos habitantes dessa parte da América, principalmente, sobre os povos indígenas.

Antes de viajar a costa oriental brasileira - territórios equivalentes a parte dos atuais estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Bahia -, Wied-Neuwied se especializou em História Natural na Universidade de Göttingen (1811), onde teve como mestre o médico e antropólogo Johann F. Blumenbach¹. O recém-formado era de origem principesca, oriundo de uma das mais antigas famílias reinantes da Prússia. Além das aulas em Göttingen, o príncipe-naturalista constituiu uma extensa rede de amizades com renomados estudiosos europeus, sendo ainda leitor dos diários de viajantes que na América circularam, como por exemplo, os legados por John Mawe e Henry Koster.

Nesta trama de relações, Wied-Neuwied conheceu em Paris (1804) o seu compatriota Alexander von Humboldt. Este havia acabado de chegar de sua viagem à América, onde havia explorado fauna, flora e realizado levantamentos de dados sobre distintas populações. O encontro com Humboldt e as conversas que manteve com este viajante, muito influenciaram a Wied-Neuwied em escolher o Brasil como local de estudos. Para o historiador Ernest Pijning, por exemplo, “[...] foi este explorador [Humboldt] que fez despertar em Maximiliano o entusiasmo necessário para realizar uma viagem de exploração na América” (PIJNING, 1995: 27). Mas sabemos que os trabalhos de Blumenbach, as relações com estudiosos e as leituras de viajantes, além de Humboldt, nortearam o nosso personagem, desde a coleta até a sistematização das informações colhidas durante a viagem ao Brasil.

A viagem pelo Brasil

Wied-Neuwied desembarca no Rio de Janeiro, em 1815, usando o pseudônimo de Max de Braunsberg; trazia com ele dois companheiros, o caçador David Dreidoppel e o

¹ Para saber mais sobre médico e antropólogo Johan Friedrich Blumenbach consultar o artigo do historiador Pablo Diener: “Blumenbach e a formatação das viagens científicas”, no qual se traça um perfil deste personagem e da influência que o mesmo desempenhou na organização das viagens de exploração científicas, principalmente à América.

jardineiro Christian Simonis, ambos empregados do castelo de Neuwied. Ainda no Rio de Janeiro conheceu dois outros naturalistas alemães, o ornitólogo Georg Freyreiss e o botânico Friedrich Sellow, que também farão parte da expedição².

Com a equipe organizada e com as cartas de recomendações fornecidas por Antônio de Araujo e Azevedo, futuro Conde da Barca³, Wied-Neuwied achou melhor orientar as excursões “para a costa oriental do país, que ainda eram inteiramente desconhecidas ou que, até então, não tinham sido absolutamente descritas.” (WIED-NEUWIED, 1940: 15). Dessa forma buscava manter contato com os grupos que definiu como, “primitivos habitantes [...] que vivem ainda em estado nativo, assim como sobre as suas produções naturais, animadas e inanimadas.” (WIED-NEUWIED, 1940:16).

A viagem de Maximiliano de Wied-Neuwied foi quase sempre terrestre e sua comitiva se valeu dos lombos de várias mulas durante os seguidos deslocamentos. Estes animais de carga, de acordo com o naturalista, quase sempre dificultavam o ritmo da expedição; constantemente fugiam ou faltavam víveres para alimentá-las.

A caminhada da tropa seguiu rotas já costumeiras das expedições tropeiras. Caminhos que não eram muitos fáceis de percorrer e quando os expedicionários tinham que atravessar um rio caudaloso, por exemplo, transferiam-se para canoas. Andaram por cidades, vilarejos e matas, passando dias chuvosos e noites frias, entraves constantes para os viajantes. Durante todo o percurso, entretanto, não se deixou de realizar investigações e levá-las ao papel.

As observações, descrições e classificações de vegetais, animais e habitantes eram anotadas por Wied-Neuwied em pequenos cadernos de bolso, divididos por temas, nos quais também o expedicionário fazia desenhos. Os traços eram instrumentos essenciais para os viajantes, pois neles é que se registravam em primeira mão as impressões dos lugares, se convertendo, pois, nos diários de viagem. Tal como observou a historiadora Marie-Noëlle Bourguet estes cadernos eram “cheios de apreciações e de observações sábias, de pormenores, de datas e de lugares, estes diários são um primeiro trabalho de registro, o mais isento e

² Os dois alemães que compõem a expedição já estavam no Brasil a serviço de governos europeus; Freyreiss desde 1813, quando veio acompanhar o cônsul-geral da Rússia, G. H. von Langsdorff e, na companhia de outro naturalista, Eschwege já havia excursionado pela província de Minas Gerais (1814-1815). E Sellow chegou ao Brasil em 1814 e trazia experiência em estudos de ciências naturais de acordo Camara Cascudo.

³ Segundo Camara Cascudo, Antonio Araujo de Azevedo era um homem “polido e maneiroso, viajado e sutil [...] liberal puro, brilhante e fácil” e de maneira ilustrada facilitou a viagem para o nosso personagem. (CASCUDO, 1977: 26-27)

completo possível [...]” (BOURGUET, 1997: 230). As anotações e os desenhos retidos nos cadernos ajudariam futuramente na elaboração do relato final de viagem.

Com base nestes registros realizados durante a viagem foi que o naturalista ao finalizar a expedição, pôde construir e levar ao público o seu “Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817”. Com esta publicação Wied-Neuwied almejou satisfazer os desejos dos leitores do século XIX, que eram “[...] sequiosos de assuntos sensacionais [...]”, sobre o continente americano (RODER, 1969: 93). A curiosidade acerca deste tipo de temática permeava a mente dos europeus, fazendo com que a obra de Wied-Neuwied fosse traduzida simultaneamente para o francês (1820-1821), inglês (1820) e o italiano (1821-1823); a edição brasileira foi publicada somente em 1940, com o título *Viagem ao Brasil*.

No conteúdo dessa obra se pode observar as mais diversas informações sobre o Brasil, principalmente no que se refere às descrições dos povos indígenas. Na primeira metade do século XIX a procura por grupos indígenas não era uma tarefa simples. Não havia mapas que fornecessem as prováveis localizações dos seus territórios e aldeias, e eram raras as informações escritas. Após vencer as dificuldades impostas a este tipo de viagem, Wied-Neuwied coletou preciosas informações sobre as línguas faladas, organizou vocábulos e descreveu hábitos, vestimentas, adornos, enfim, a grande riqueza cultural dos Puri, Pataxó, Botocudo, Machacali e Camacã.

Entre texto e imagem as representações visuais de povos indígenas no livro de viagem

O livro *Viagem ao Brasil* traz além de descrições textuais um substancial conjunto de imagens. São estampas que ilustram a narrativa e procuram retratar aspectos singulares do cotidiano de indígenas, suas características físicas, adornos e as pinturas corporais. Cabe observar que Wied-Neuwied não tinha formação artística; o pouco que dominava das técnicas de desenho fora ensinado por sua mãe e pelos irmãos, Karl e Louise, que tinham realizado e concluído estudos na Escola de Belas Artes de Desdren. Isto fica visível ao observarmos os desenhos elaborados pelo nosso príncipe-viajante. Ao se analisar seu legado não se percebe nos riscos a bico de pena, a lápis ou a nanquim, os elementos comuns aos estilos acadêmicos. Entretanto, mesmo com escasso conhecimento artístico, Wied-Neuwied empenhou-se em construir um significativo acervo de imagens, retratando a cultura dos povos que conheceu durante sua estada no Brasil.

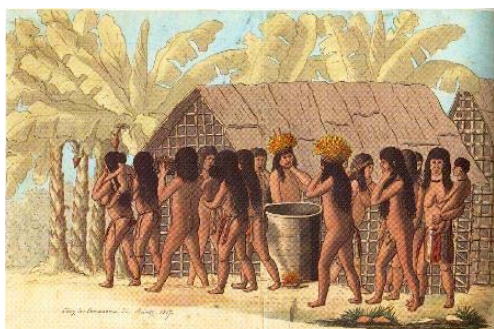


Figura 01: Maximiliano de Wied-Neuwied. *Festa dançante dos índios Camacã* (1817). Aquarela e pena (32,7 x 21,1 cm). Fonte: LÖSCHNER, 2001:140.

O conjunto de representações legadas por este viajante, tecnicamente pode ser dividido em três grandes grupos. Em primeiro lugar estão os desenhos feitos *in loco*, pelo próprio naturalista. São esboços elaborados sem rigor acadêmico, como se pode observar, por exemplo, na aquarela “Festa dançante dos índios Camacã” (figura 01), realizada em 1817, quando o viajante circulava entre os indígenas Camacã, fronteiras de Minas Gerais com a Bahia. O motivo riscado por Wied-Neuwied, no entanto, ganhou nova

figuração, a partir do trabalho realizado por um autor anônimo, como pode se perceber na aquarela que também se intitula “Festa dançante dos índios Camacã” (figura 02). Comparando as duas versões desta “Festa dançante dos índios Camacã” são visíveis as mudanças que a representação recebeu, particularmente nos tipos físicos dos indígenas.

Há ainda uma terceira versão deste mesmo motivo, agora realizado numa prancha de cobre, de autoria de J. Lips, aqui mostrada na figura 03. Nesta gravura recuperou-se o fundo paisagístico e o ritual da festa de Wied-Neuwied, que a estampa anterior desprezou. Estes elementos procuram dar uma verossimilhança à cena retratada. Entretanto, os personagens têm seus corpos alterados, os homens e as mulheres perderam a forma pesada e adquiriram, no apuramento técnico do artista e do gravador, formas ligeiras e corpos esguios.

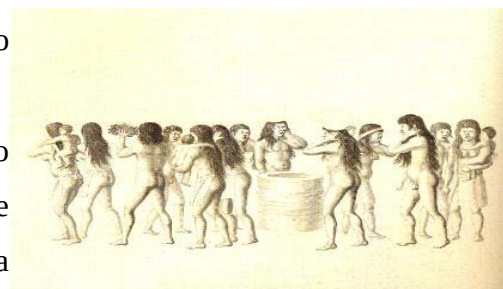


Figura 02: Anônimo. *Festa dançante dos índios Camacã*. Aquarela e pena (32,7 x 21,1 cm). Fonte: LÖSCHNER, 2001:140.

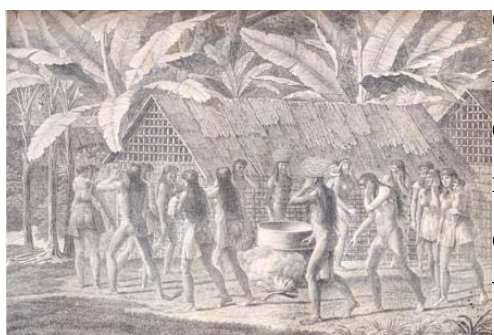


Figura 03: J. Lips. *Festa dançante dos índios Camacã*. Gravura. Fonte: Revista Oceanos, 1940:91.

Essas três imagens exemplificam como ocorria o processo de confecção das estampas até chegar ao ponto de serem publicadas no livro “Reise nach brasilien [...]”. Mas, as modificações das representações não se restringem somente às mudanças nas características físicas. Quando se compara as gravuras com as descrições textuais que Wied-Neuwied publicou no seu livro, encontram-se outras incongruências. Por exemplo, ao se representar cenas do cotidiano as pinturas e ornamentos, marcas de



Figura 04: Maximiliano de Wied-Neuwied. *O capitão dos Botocudo June em viagem* (1816). Aquarela e pena (21,2x33,6 cm). Fonte: LÖSCHNER,

identidades étnicas, são constantemente diluídos ou não aparecem nas estampas. A análise dos desenhos, entretanto, mostra que o viajante teve o hábito de colher os signos distintivos de alteridade e de identidade das sociedades indígenas. Mas aqueles que refizeram as representações, principalmente os gravadores, não tomaram o cuidado de manter a relevância dada aos costumes pelo naturalista.

Outro detalhe que se pode observar ao analisar conjuntamente as gravuras e a narrativa textual é o artifício usado para esconder a poligamia, uma prática comum entre os povos indígenas. Sobre isto, Wied-Neuwied quando esteve entre Botocudo e Puri observou: “têm em geral, diversas mulheres; muitos possuem quatro ou cinco [...]” (WIED-NEUWIED, 1940: 113). Estas observações etnográficas também foram levadas pelo naturalista nos desenhos que traçou.

Wied-Neuwied retratou, em agosto de 1816, o capitão “June” ou “Kerengnatuck” acompanhado por suas duas esposas e seus três filhos (figura 04). Porém, este motivo ao ser levado à gravura sofreu sensível alteração e muitos dos elementos que estavam na composição original se perderam (figura 05). A nova imagem feita por Esslinger, artista de Zurique, ganhou o nome de “O chefe Kerengnatuck e sua família”. Nela uma das mulheres com a criança desapareceu. Este dado aparentemente simples, esconde a prática da poligamia entre os Botocudo, retratando-os de forma a dar-lhe outra imagem.

O exemplo citado leva a perceber que também houve um filtro moral no momento da confecção da gravura, criando uma representação na qual se valoriza a monogamia em detrimento do universo cultural do grupo retratado.

Além desses detalhes demonstrados, pode-se ver na mesma gravura que o autor,



Figura 05: Esslinger. *O chefe Kerengnatuck e sua família*. Gravura. Fonte: WIED-NEUWIED. 1940: 229.

Esslinger, procurou ocultar a nudez do líder Botocudo. Este artifício, aliás, se fez comum entre os gravadores. Nas imagens publicadas na obra de Maximiliano de Wied-Neuwied a nudez frontal de homens e mulheres praticamente desapareceu. As coxas passam a ser usadas como tapa-sexo: as pernas são posicionadas de maneira a esconder os órgãos genitais dos povos retratados.

Entretanto, o viajante alemão havia ressaltado em

seu texto que as sociedades indígenas com as quais manteve contato no Brasil andavam nuas ou usavam o estojo peniano, no caso dos homens, dado que registrou, por exemplo, ao escrever: “Os Botocudos têm o hábito de esconder o membro viril num estojo de folhas trançadas de ‘içara’, chamadas por eles ‘giucann’ e pelos portugueses ‘tacanhoba’” (WIED-NEUWIED, 1940: 279).

Pôde-se observar que essa desarmonia entre narrativa textual e a imagem nas representações de Puri e Botocudo ocorreram também com os outros grupos indígenas descritos e retratados no livro do naturalista Maximiliano de Wied-Neuwied. Estas manifestações apontam para uma tentativa de normatizar os tipos humanos e assim criar estereótipos dos habitantes do Brasil. O etnólogo Herbert Baldus comenta que as gravuras publicadas para os leitores europeus correspondem ao que se imaginava como o lugar paradisíaco dos povos naturais ainda não corrompidos pela civilização (BALDUS, 1956/58: 321).

Assim as distorções encontradas nas gravuras podem está relacionadas a diversos fatores. Por isso no momento de obter uma leitura mais apurada das imagens é necessário ser levado em considerações:

[...] as escolas e os estilos de criação artística guardam estreita relação com o contexto social, o mundo das idéias e os valores da época e do local em que a obra foi produzida, e que a consideração de tais elementos é essencial quando se trata de avaliar os valores documental e histórico e relacioná-los com a estética e a expressão artística (PORTO ALEGRE, 2001: 81).

Entretanto ao analisar o conjunto de representações de peças de cultura material, principalmente artefatos de guerra, adornos e utensílios, percebeu-se que nestas, imagens e a narrativa se completam.

Nos estudos de Wied-Neuwied, os artefatos receberam criteriosa análise; foram descritos cada um dos tipos de flechas, arcos, colares, cestos, facas, coroas de penas, instrumentos musicais, vestimentas. Materiais que são “menos sujeitos a distorções pessoais ou etnocêntricas”, como observou a antropóloga, Tekla Hartmann (HARTMANN, 1970, 12). Nas representações iconográficas, Maximiliano de Wied-Neuwied, também descreveu os objetos com o mesmo rigor científico, assinalando o material com o qual eram feitos, detalhando as características físicas do artefato e o uso entre a comunidade indígena.

Pode-se concluir que as imagens impressas trazem intrinsecamente os estilos e expressões artísticas, e o contexto social no qual está inserido o gravador. Nas ilustrações do século XIX, deparamo-nos com uma diversidade de movimentos artísticos. Entre eles, podemos apontar o Neoclassicismo e o Romantismo. O primeiro está ligado à arte antiga,

greco-romana, que alude ao equilíbrio, à proporção dos corpos e das construções arquitetônicas e à clareza nas representações; já o Romantismo foi buscar suas influências no românico e no gótico, aspirando difundir a expressão maior do sentimento e valoriza ainda os sentimentos e a imaginação como início da criação. As gravuras do livro de viagem de Wied-Neuwied apresentam os dois estilos, ora independentes ora se cruzando para compor as cenas de paisagens generosas, cheias de vida e inocência, um paraíso na terra.

A este processo – desenhos originais, imagens modificadas, trabalho final dos gravadores – acrescenta-se também o interesse mercadológico das editoras, ávidas em conquistar cada vez mais adeptos desse tipo de leitura. Como comentou o historiador Miguel Faria, sobre a junção destes procedimentos e dos interesses, ocorre um:

Triângulo de forças entre (autor, gravador, editor), cada qual com motivações próprias (o primeiro, necessariamente, o rigor científico; o segundo os horizontes estilísticos da época; o terceiro a resposta ao mercado e, logo, procurando satisfazer os padrões culturais e mentais dominantes) [...] (FARIA, 1995: 97).

Portanto, pôde se observar que o motivo, antes de ser publicado, percorreu um longo caminho; primeiro o registro *in loco*, depois a re-elaboração dos originais e, por fim, o trabalho laborioso do gravador. Acrescentam-se também as exigências das casas editoriais, que em busca de responder a um público interessado nas narrativas de viajantes e nas estampas que retratem o exótico, recorreu a gravadores experientes com este fim. Estes, por sua vez, respondendo ao que se lhes exigia, procuraram harmonizar os desenhos, colocando próximas ao gosto do leitor. E, nesse processo houve a um nivelamento de grupos étnicos, privando-os de suas identidades culturais.

Já no texto descritivo se encontra um universo de informações, das culturas indígenas, bem mais diversificadas do que foi apresentada nas gravuras.

Os artistas anônimos e os gravadores inseridos numa época e seguindo as exigências e padrões artísticos modificaram as cenas e acrescentaram outros elementos de acordo com o mundo conceitual que conviviam. Tanto que as estampas buscaram expressar o ideal romântico e neoclássico.

Bibliografia Citada

- ARGAN, Giulio Carlo. “Clássico e Romântico”. In: ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna: do Iluminismo aos movimentos contemporâneos**. Trad. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 11-71.
- BALDUS, Herbert. “Resenha bibliográfica de Röder e Trimborn: Maximilian Prinz zu Wied”. In: **Revista do Museu Paulista**. São Paulo: Nova Série, vol. X, 1956/1958. p. 320-322.
- BOURGUET, Marie-Noëlle. “O Explorador”. In: VOVELLE, Michelle de. **O Homem do Iluminismo**. Trad. Lisboa: Presença, 1997. p. 207-249.
- CASCUDO, Camara. **O Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied no Brasil – 1815/1817**. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, 1977.
- DIENER, Pablo. “Blumenbach e a formatação das viagens científicas”. In: IV Simpósio Nacional de História Cultural, 2008, Goiânia. **IV Simpósio Nacional de História Cultural**. Sensibilidades e Sociabilidades. Anais eletrônicos. 13 a 17 de outubro de 2008. Goiânia, Goiás. Goiânia: Editora da UCG, 2008. v. 1. p. 1-8.
- FARIA, Miguel. “Brasil: visões europeias da América Lusitana”. In: **Revista Oceanos**. O Teatro da Natureza: Maximiliano no Brasil. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, nº 24, out./nov. 1995. p. 70-100.
- HARTMANN, Tekla. **A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX**. São Paulo: tese de doutorado em Antropologia Social, USP, 1970.
- LÖSCHNER, Renate e KIRSCHSTEIN, Birgit. **Viagem ao Brasil do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied**. Trad. Petrópolis: Kapa, catálogo, vol. II - Legado do Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, 2001.
- PIJNING, Ernest. “O ambiente científico da época e a viagem ao Brasil do príncipe alemão Maximiliano de Wied-Neuwied”. In: **Revista Oceanos**. O Teatro da Natureza: Maximiliano no Brasil. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, nº 24, out./nov. 1995. p. 26-32.
- PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. “Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual”. In: FELDAN-BIANCO, Bela e LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). **Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. São Paulo: Papirus, 2004. p. 75-112.
- WIED-NEUWIED, Maximiliano. **Viagem ao Brasil**. Trad. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.
- WIED, Maximiliano de. **Viagem ao Brasil 1815-1817**. Trad. São Paulo: Melhoramentos, 1969.